



Graça Salsgauer

VENEZUELA E COLÔMBIA: DUAS ELEIÇÕES, DOIS RUMOS DISTINTOS

Na Venezuela, a "vitória" de Maduro soa como um grande soco no estômago da humanidade inteira.

O mês de maio foi marcado por duas importantes eleições presidenciais no continente sul-americano, mas muito distintas entre si.

Na Venezuela, o ditador Nicolás Maduro, através de sua ilegal e constitucional Assembleia Nacional Constituinte (ANC), antecipou as eleições de dezembro para 20 de maio, mesmo com o rechaço de todas as nações democráticas do mundo, e vetou o direito legal dos partidos de oposição se candidatarem. Esses partidos já haviam decidido não inscrever candidatos porque, ao fazerem isso, seriam legitimando a ANC, mas estariam tirando o direito legítimo de participar, caso o Conselho Nacional Eleitoral (CNE) não fosse mais um dos poderes sequestrados pela ditadura. A MUD (que abraça partidos de todos os matizes, inclusive de esquerda insatisfeitos com Maduro) orientou sua militância e eleitores a não ir votar, uma vez que lá o voto não é obrigatório, pois se assim fizessem estariam avalizando a fraude, não só do pleito mais de toda a situação ilegal porque passa a Venezuela hoje.

Como era de se esperar, Maduro foi re-eleito com 5.823.728 votos, e seu "opositor" Henri Falcón, saído das filas do chavismo desde a década dos 90 até 2010, obteve 1.820.552 votos. Num país onde a fuga de pessoas que pedem asilo em países vizinhos aos montes, para se livrar da fome, da miséria, da violência e da falta de medicamentos, essa "vitória" soa como um grande soco no estômago da humanidade inteira. Mas teve o apoio do Foro de São Paulo (FSP),



Pouco depois das 18:00 (hora local) a Registradoria Nacional havia apurado mais de 96% dos votos e dava como resultado um segundo turno, que levaria a disputarem outra vez: Iván Duque, com larga margem de folga, e Gustavo Petro, o terrorista do M-19

através de uma carta assinada por Mónica Valente, Secretária de Relações Internacionais do PT e do FSP. 20 milhões e meio de eleitores estavam aptos a votar mas apenas 12% compareceu aos centros de votação.

E a Colômbia realizou suas eleições no dia 27, de forma regular e como reza a Constituição. Cerca de 36,2 milhões de pessoas estavam aptas a votar, mas como lá o voto não é obrigatório, percebe-se, pelo total de votos, que a abstenção foi muito alta, chegando a quase 50% dos eleitores.

A votação começou às 8 da manhã e encerrou-se às 16:00 h. Imediatamente iniciou-se a apuração e pouco depois das 18:00 (hora local), a Registradoria Nacional informava que, com 99,54% dos votos escrutinados,

o resultado levou a um segundo turno onde vão se enfrentar novamente Iván Duque e Gustavo Petro, em 17 de junho. A fórmula Iván Duque-Marta Lucia Ramirez conseguiu 39,11%, o que equivale a 7.512.935 votos. A fórmula Gustavo Petro-Ángela María Robledo conseguiu 25,09% ou 4.820.370 votos.

Votos nulos 243.366, brancos 340.800 num total de 19.280.690. Se consideramos as abstenções e bran-

NOTA: Com a paralização dos caminhoneiros os brasileiros estão experimentando, ainda de forma muito suave, o que vivem há décadas os venezuelanos: desabastecimento de combustíveis, escassez de alimentos nos supermercados, impossibilidade de se locomover livremente por falta de condições. Seria a hora de perguntar ao PT e partidinhos comunistas que apoiam a ditadura venezuelana, que estão em maior ou menor medida sentindo o problema na pele, se é isso mesmo que eles acreditam ser uma forma de vida exemplar e modelo a ser seguido por toda a humanidade.

* É jornalista independente, estudiosa do Foro de São Paulo e do regime castro-comunista e de seus avanços na América Latina, especialmente em Cuba, Venezuela, Argentina e Brasil. É articulista, revisora e tradutora do Mídia Sem Máscara e proprietária do blog Notatista.



Aristoteles Drummond

VENEZUELA SEM SAÍDA

A grande derrota do comunismo se deveu a duas instituições respeitadas e influentes, principalmente, nos países latinos: as Forças Armadas e a Igreja, hoje com a ajuda das diferentes tendências evangélicas.

A Venezuela continuará neste clima cada vez mais catastrófico, com sofrimento para o povo e, em breve, sérias restrições à fuga do país. Não existe nenhuma solução interna possível, pois o esquema montado pelo comunismo internacional, em 1943, que sobreviveu, deu certo e é irreversível.

A grande derrota do comunismo se deveu a duas instituições respeitadas e influentes, principalmente, nos países latinos: as Forças Armadas e a Igreja, hoje com a ajuda das diferentes tendências evangélicas.

Em plena II Guerra Mundial, Stalin, ocupado com a presença alemã em seu território, não suspendeu os trabalhos da equipe voltada para a dominação do ocidente, que seria retomado tão logo terminasse o conflito. Constatou-se, porém, que o movimento perdera décadas em seu avanço na América Latina, em função da vitória de Franco, na Es-

panha, e na consolidação de Salazar, em Portugal, com reflexos em todo o continente. E a avaliação é que o apoio interno obtido por Franco teve origem na

maioria dos militares e na ação da Igreja Católica, que foi alvo de muita violência, promovida pelos republicanos, anarquistas e comunistas, com igrejas incendiadas e religiosos executados.

Desde então, a prioridade foi minar essas duas instituições. No Brasil, pouca gente lembra que tivemos mais militares afastados no setor público do que civis e que a revolução de 64 foi precipitado por movimentos de sargentos amparados pelo então presidente da República. Mais uma vez o comunismo seria derrotado pela

ação de militares e pela cobertura da Igreja e da mídia.

Não podendo promover nova infiltração nas Forças Armadas, alertas desde 35 e renovadas em 64, o comunismo começou a dar atenção a suscitadoras divisões entre os católicos, obtendo certo sucesso com a Teoria da Libertação e a presença de religiosos em passeatas e outras manifestações. O freio veio depois da redemocratização, com a ação enérgica de João Paulo II, mas ainda existem

focos de militância de esquerda no clero, sendo exemplo o bispo de Sete Lagoas, em Minas, e alguns celebrantes na PUC do Rio.

O sucesso bolivariano-cubano na Venezuela se deu a partir da ação assada de Chávez, ele mesmo coronel do

Exército, que afastou oficiais superiores, promoveu militares afinados com ele e importou instrutores e soldados de Cuba. Acabou com as Forças Armadas. O clero, que já vinha infiltrado, foi neutralizado e a mídia apagada, sem nenhum protesto da Associação Interamericana de Imprensa. Hoje, a Venezuela está sem liberdade política, não possui mais militares, não tem imprensa e não há empresários ou compromissos democráticos naturais.

O cerco econômico, que de fato já existe pela falência do país, não resolve a crise política. Resta uma improvável intervenção externa, nos moldes daquela por Ronald Reagan em Granada, que estava a um passo de ser subordinada integral de Cuba.

Esta é uma avaliação a ser meditada!

* Jornalista - Vice-Presidente da ACM/RJ aristotelesdrummond@ms.com.br www.aristotelesdrummond.com.br